



É historicamente provado que, inicialmente, a maçonaria incluiu só os graus de aprendizes e companheiro. O grau de mestre pode conceber então como inaugurando os graus altos e como o primeiro da sequência de iniciação aprendiz- companheiro- mestre que realiza o ciclo da mestria baseado em a lenda de Hiram. Esta lenda dá à maçonaria o que Paul Ricoeur chama su identidade narrativa. Ela articula em uma tragédia em três atos: mestre, mestre secreto, mestre perfeito, ela dobradiça entre ambos primeiro graus simbólicos e os graus que a seguem.

As lojas simbólicas geralmente trabalham só uma vez por ano no grau de mestre , para proceder à elevação na mestria como se fosse uma celebração de memória do evento fundador que é a morte de Hiram, como se este aqui era célebre até temido. Sem o conhecimento delas, elas trabalham só no grau de Mestre a fim da substituição de um Hiram sacrificado por um Venerável Mestre vivo, cuja carne não deixa ossos. A palavra perdida por Hiram, exílica e inacessível, é substituída pela palavra substituída do Venerável Mestre. A transmissão está tão suspensa, enquanto marcando o fim do mundo de Hiram para permitir que o mundo novo, o de Venerável Mestre, acontece.

Os graus de Mestre secreto e de Mestre perfeito formulam as respostas a interrogatórios sucessivo para a morte de Hiram.

O Mestre secreto está em posse da herança de Hiram que não deixou nenhum testamento e tem que responder estas três perguntas. O que sobre este mundo anterior? O que será feito deste mundo anterior? Como construir um Mundo Novo? Só o trabalho de memória permite a reconstrução do passado a transmissão essencial de qual permite construir o futuro.

O Mestre perfeito procede ao enterro de Hiram em um mausoléu de mármore branco e preto dentro do Templo. Este endereço do homem morto puxa uma liberação do vivo que já não está sob prisão domiciliária, o que lhe permite empreenderse suas próprias viagens e construir um Mundo Novo, seu próprio mundo.

Com exceção de ficar lá em uma recepção literal de textos, não é assim nenhuma transmissão sem substituição. A ciência moderna o demonstrou a nós de modo são: a substituição é para a transmissão que o épigénétique está nas genéticas. Uma não existe sem o outra. Assim é cientificamente compreensível a durabilidade da força operacional de nossos ritos na sucessão das substituições que eles propõem, assegurando uma transmissão adaptada a nosso tempo.

**T : III : F : Jacques OREFICE**

33ème

Très Puissant Souverain Grand Commandeur